

## Visões de Pampulha

Le Corbusier disse uma vez à respeito de Niemeyer: "Oscar, você tem sempre nos olhos as montanhas do Rio". Ana Maria Tavares tem a paisagem da Pampulha nos seus. Esses olhares, ou melhor, visões, se cruzam no ex-cassino, hoje museu de arte.

Visões, pois ambas vão além do horizonte. No entanto, os parâmetros de horizonte e a configuração do local desse encontro memorável foram traçados e lançados pelos modernos, que no caso de Belo Horizonte transformaram um curral em cidade há cem anos. Mário de Andrade comenta jocosamente: Minas ... "também quer ter também capital moderníssima também...". O contexto é apropriado e gerador: depois de Pampulha nasceu Brasília! Porém, se Brasília é um feito e monumento, o conjunto paisagístico-arquitetônico da Pampulha — formado pela Lagoa e seus marcos constituintes: o Cassino, a Igreja, o late Clube e a Casa do Baile — é um esboço, latente obra em transmutação.

Neste contexto moderno, ou seja, nesse moderno localizado, esta individual de Ana Maria Tavares não é mero texto, ou seja, mais um conjunto de obras dentro de um espaço de arte (museu), mas uma instalação intertextual e singular que integra e questiona as artes: um destaque pós-moderno.

Na década de 50 Mário Pedrosa comentava sobre a dificuldade de integração da pintura e escultura com a arquitetura moderna, essa última uma síntese das artes. Para ele nem Portinari, tampouco Bruno Giorgi ou Ceschiatti davam conta do recado! No entanto, o destaque era Burle Marx, aquele que de acordo com este crítico, concedeu cidadania às plantas plebéias. Enquanto os artistas oficiais eram agregados à arquitetura comandada por Niemeyer, Burle Marx, com seu paisagismo de origem pictórica, ampliava e reforçava as majestosas e sedutoras ondulações espaciais destas construções. Esta parceria entre o arquiteto e o paisagista geraram ambientes que integram de forma magistral espaços internos e externos.

A intervenção de Ana Maria Tavares nesta parceria é pós-moderna, não só pelo distanciamento temporal como também pela ação crítica, pois ao mesmo enfatiza esse legado moderno específico e se contrapõe a ele. Ela revitaliza a parceria e também

a pretendida integração das artes ao permitir que a planta aberta do espaço interno dialogue com a paisagem circundante. O seu trabalho não está entre paredes brancas, mas se insere em um ambiente. Essa consciência e domínio espacial se explicitam com a "visita guiada" no interior do museu com o carrinho elétrico "Amigo J9": um "ready-made" motorizado, que permite a síntese dessa experiência-crítica de arte que Ana sugere com o conjunto de obras expostas no MAP. Já o bosque formado pelas colunas de aço inox, adicionadas com alças, catracas, bancos, biombos, roletas, espelhos, fragmentam essa experiência, desvirtuam a capacidade harmônica desta re-composição articulada pela artista, colocando em xeque a nossa própria presença nesse espaço.

A sedução impositiva da arquitetura moderna é transgredida pela hipnose alienante provocada pelo reluzente bosque de aço inox, vidros e espelhos, e pelos cativantes objetos complementares como o "Carroussel" e o "Cavalete". Não é a toa que ela nos oferece bancos para sentar... Assim se desvela a perversão pós-moderna: as obras, nesse espaço, nos atraem, nos fascinam, mas ao mesmo tempo nos repelem. Porto Pampulha conota essa polarização, esse jogo entre o estar abrigado sob a fiança da sensualidade do belo das obras expostas no ambiente-museu e o ser em trânsito em um não-lugar, no caso o museu em sua atemporalidade turística. Esta condição transitória é alimentada pela ação crítica da instalação da artista, que vai buscar cumplicidade com aquele que por ali passa. Ana possui uma visão com anteparos, com reticências, que nos coloca em posição de alerta frente a possibilidade de nos submetermos, assim sem mais nem menos, ao belo.

Os modernos, calçados por certas doutrinas modernistas, visualizavam sem restrições o futuro através de um ponto-de-vista quase sempre dogmático. O trabalho de Ana é polisêmico: divide com o visitante a possibilidade de re-composição desse legado cultural contraditório mas original, assim como adiciona mais uma dimensão a esta linhagem clássica da arte no Brasil. A artista fornece amparos e armadilhas para o visitante desse jardim de esculturas, lembrando que a arte não é mero deleite estético ou discurso entrópico ou utópico, mas agente de transformações.

Martin Grossmann

São Paulo, 7 de setembro de 1997



## OBRAS EM EXPOSIÇÃO:

VISITA GUIADA COM AMIGO J9 (PARA EDEMAR)  
DATA: 1997 - MATERIAL: cabo elétrico em aço, couro e termoplástico  
MEDIDAS: 100 cm x 50 cm x 110 cm  
COLEÇÃO: Ricard Akagawa (foto ao lado)

CARROUSSEL (PARA DUCHAMP)  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 280 ø x 58 cm

VAGÃO (BHTRANS)  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox e vidro -  
MEDIDAS: 186 cm x 96 cm x 85 cm

CARRINHO  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 150 cm x 150 cm x 50 cm

COLUNA COM SEIS ALCAS Nº 1 E Nº 2  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 340 cm x 131 ø

COLUNA COM TRÊS ALCAS  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 340 cm x 150 cm ø

COLLECTOR'S ITEM  
DATA: 1997 - MATERIAL: madeira e couro branco -  
MEDIDAS: 191 ø x 75 cm

MUSEUM'S PIECE  
DATA: 1997 - MATERIAL: Madeira e Couro -  
MEDIDAS: 191 ø x 75 cm

CAVALETE  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 174 cm x 110 cm x 70 cm

COLUNA COM BANCO DE ELEVADOR Nº 1 A Nº 5  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox e couro branco -  
MEDIDAS: 340 cm x 48 cm x 30 cm

COLUNA COM RETROVISOR Nº 1 A Nº 9  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox e espelhos parabólicos -  
MEDIDAS: 340 cm x 80 cm x 20 cm e 340 cm x 60 cm x 20 cm

COLUNA COM BIOMBO E PRATELEIRA  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox e vidro -  
MEDIDAS: 340 cm x 92 cm x 26 cm

COLUNA COM BIOMBO E PUXADOR Nº 1 E Nº 2  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox e vidro -  
MEDIDAS: 340 cm x 92 cm x 26 cm

COLUNA COM CATRACA  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 340 cm x 176 cm ø

COLUNA COM ROLETA  
DATA: 1997 - MATERIAL: aço inox -  
MEDIDAS: 340 cm x 182 cm ø



A Prefeitura de Belo Horizonte,  
através da Secretaria Municipal de Cultura  
e o Museu de Arte da Pampulha - MAP,  
convidam para a exposição

# porto pampulha

ana maria tavares

inauguração 15 de outubro de 1997 às 20:00 hs  
exposição de 16 de outubro a 16 de novembro de 1997  
palestra "Ana Maria Tavares e sua obra"  
dia 18 de outubro às 16:30 hs.

Museu de Arte da Pampulha  
Av. Otacílio Negrão de Lima, 16585  
Belo Horizonte - MG  
tel: (031) 443-4533 277-7946  
de terça a domingo  
das 9:00 às 19:00 hs  
entrada franca

**map**  
museu de arte da pampulha

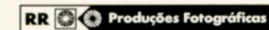
Patrocínio



Apoio



**CONDUTRON**  
Cadeiras Motorizadas



simone  
borgas  
arquiteta &  
design



**BH**  
A CAPITAL DO SÉCULO

Agradecimentos especiais:

Alfredo de Paula Marins, Arão Reis  
dos Santos, Bernadete e Joaris Teixeira de Souza,  
César Augusto Ribeiro Nunes, Cláudio Henrique  
Ferreira dos Santos, David e Pompéia Tavares,  
Daniel da Costa Teixeira de Souza, Denilson de  
Menezes, Duílio Jorge Pereira de Freitas, Ederson  
dos Santos, Eduardo Mesquita, Eduardo Tibira,  
Eric Soares, Erivaldo Amaro de Almeida, João  
Batista Jordão, José da Silva Vieira, Maria Inês  
Pereira Leite, Maria Sílvia Sampaio Dória, Mirka  
Schreck, Roberto Gorgati, Roberto Pereira Leite,  
Studio Digmix, W & D Serviços, Wilson Batista  
Cavalcanti e Wilson Mendonça

À equipe do MAP,  
à Priscila Freire (Direção) e  
Elisa Campos (Coordenação Geral)

Projeto gráfico: Carla Brandão  
e Eduardo Brandão  
Fotografia: Roberto Rocha

**BRITO CIMINO**  
ARTE CONTEMPORÂNEA E MODERNA  
Rua Adolfo Tabacow, 144 São Paulo - SP  
Tel/Fax: (011) 822-0634 822-0635

# porto pampulha

ana maria tavares